



UFSM

Artigo Monográfico

**UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E
SOCIAIS DE UM ALUNO IDENTIFICADO COM
CARACTERÍSTICAS DE ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

Tatiane Negrini

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**Uma análise das experiências pedagógicas e sociais de um
aluno identificado com características de altas
habilidades/superdotação**

por

Tatiane Negrini

Artigo apresentado no Curso de Pós-Graduação em Educação Especial:
Altas Habilidades/Superdotação - Nível Especialização, do Centro de
Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito
parcial para obtenção do grau de
**Especialista em Educação Especial: Altas
Habilidades/Superdotação**

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação**

**Curso de Pós-Graduação em Educação Especial: Altas
Habilidades/superdotação – Nível Especialização**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

**UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E SOCIAIS DE
UM ALUNO IDENTIFICADO COM CARACTERÍSTICAS DE ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

Elaborada por
Tatiane Negrini

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Andréia Jaqueline Devalle Rech, Ms.
(Presidente/Orientador)

Susana Pérez Barrera Pérez, Dra.

Sheila Torma, Especialista.

Santa Maria, 24 de outubro de 2008.

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Pós-graduação em Educação Especial: Altas habilidades/Superdotação –
nível Especialização
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E SOCIAIS DE UM ALUNO IDENTIFICADO COM CARACTERÍSTICAS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

AUTOR: TATIANE NEGRINI
ORIENTADOR: ANDRÉIA JAQUELINE DEVALLE RECH
Santa Maria, 24 de outubro de 2008.

Este artigo teve como objetivo geral analisar as vivências pedagógicas, sociais e familiares que marcaram a trajetória de vida de um aluno identificado com características de altas habilidades/superdotação, assim como, as características que mais se salientam neste sujeito. Desse modo, buscou-se destacar as experiências vivenciadas por este, salientando as principais características que se evidenciam e como a estimulação de suas habilidades e sua criatividade é importante para seu desenvolvimento potencial. Esta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Com o intuito de coletar os dados, alguns instrumentos foram selecionados, entre eles: realizou-se uma entrevista semi-estruturada com um aluno que participa de um programa de enriquecimento, e uma entrevista semi-estruturada com um membro da família, no caso, a mãe. Desse modo, parte-se da concepção de inteligência referenciada por Gardner (1995, 2001), que a entende de maneira multifacetada. Os estudos de Renzulli (2004), Alencar (2001), Alencar e Fleith (2001), colaboraram teoricamente com a pesquisa, com discussões e problematizações da temática de altas habilidades/superdotação. A partir da realização desta pesquisa, pode-se evidenciar o quanto é importante o acompanhamento dos alunos com altas habilidades/superdotação, tanto na identificação de suas características, como em sua estimulação. Além disso, ressalta-se o quão é necessária a estimulação dos alunos com estas características, tendo em vista que, não fiquem desestimulados para a aprendizagem. Percebe-se, então, que, existem inúmeras barreiras que impedem o desabrochar tanto da criatividade, como de outras características destes alunos.

ABSTRACT

Rule of Expertise

Post-graduate courses in Special Education: High skills/Superdotação - level
Expertise

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil

AN ANALYSIS OF EXPERIENCE EDUCATIONAL AND SOCIAL OF A STUDENT IDENTIFIED WITH CHARACTERISTICS OF HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS

AUTHOR: TATIANE NEGRINI

LEADER: ANDREIA JAQUELINE DEVALLE RECH

Santa Maria, October 24, 2008.

This article aimed to examine the overall educational experiences, social and family that marked the trajectory of life of a student identified with characteristics of high skills / superdotação, as well as the characteristics that most stress in this subject. Thus, we tried to highlight the life experiences of this, stressing the key features that show whether and how the stimulation of their skills and their creativity is important for their development potential. The search followed a qualitative approach, the kind of case study. In order to collect the data, some instruments were selected, among them: it was a semi-structured interview with a student who participates in a program for enrichment, and a semi-structured interview with a family member, in the case, the mother. Thus, it is the design of intelligence referred to by Gardner (1995, 2001), believes that the so multifaceted. Studies of Renzulli (2004), Alencar (2001), Alencar and Fleith (2001), cooperating with research theory, with discussions and problematizations the theme of high skills / superdotação. Upon completion of this research, you can highlight how important is the monitoring of students with high abilities / superdotação, both in identifying characteristic, as in its pacing. Moreover, he points out is how we need the stimulation of students with these characteristics, considering that, not being discouraged to learn. We find then that there are many barriers that prevent both the flowering of creativity, and other characteristics of these students.

INTRODUÇÃO

“Ao contrário do que eu acreditava no começo, um dom não é indestrutível ou sempre visível. Às vezes, ele se esconde sob camadas e camadas de insegurança, medo, ansiedade e falta de motivação. É preciso descobri-lo”.
(LANDAU, 1986, contra-cap)

O ensino de alunos com altas habilidades/superdotação ainda é uma questão que tem levantado discussões nas escolas da rede de ensino, tendo em vista as inúmeras características que estes alunos podem apresentar, isoladas ou associadas, fato que dificulta a identificação. Algumas destas, características são facilmente percebidas com as vivências diárias do professor com o aluno, porém, outras são pertinentes à atenção do professor para com aquele aluno, uma vez que podem estar “escondidas” por detrás de dificuldades em outra área do conhecimento, assim como alguns mitos.

É preciso perceber que as pessoas demonstram diferentes habilidades, diferentes maneiras de resolver seus problemas neste mundo, e, portanto, a identificação de alunos com características de altas habilidades/superdotação deve ser um processo contínuo e que mereça atenção constante do professor e da equipe envolvida. Faz-se importante esclarecer que estes indicadores e/ou características de altas habilidades/superdotação podem estar sendo demonstrados em diferentes momentos e situações pela criança, mas muitas vezes, podem passar despercebidos pelo olhar desatento, tanto do professor, quanto da família. Isso pode dificultar a identificação, que muitas vezes acontece tardiamente ou após a fase de escolarização, assim como, o enriquecimento destas habilidades do sujeito, que pode se sentir frustrado, desestimulado e acabar direcionando seu potencial para outros fins.

É relevante salientar que o reconhecimento das características de altas habilidades/superdotação destes alunos nas escolas, assim como, nas famílias, deve acontecer com o intuito de estimular este sujeito e desenvolver suas habilidades, aperfeiçoá-las, a fim de que possa conhecer-se e, também, contribuir com a sociedade.

Estas colocações a respeito da temática das altas habilidades/superdotação, bem como, outros debates e questionamentos que surgem nesta área são decorrentes de minhas vivências acadêmicas e profissionais como educadora

especial, formada pela Universidade Federal de Santa Maria, assim como, pela rica experiência que tive oportunidade de vivenciar como participante de um projeto de pesquisa e um projeto de extensão. Estes projetos na área das altas habilidades/superdotação, orientados pela professora Soraia Napoleão Freitas, me proporcionam um precioso conhecimento nesta área.

Os projetos, aos quais me refiro, são o projeto de pesquisa intitulado “A identificação e orientação de alunos com características de altas habilidades” e o projeto de extensão “PIT – Programa de Incentivo ao Talento”. O primeiro projeto visa identificar alunos com características de altas habilidades/superdotação, a partir dos 6 anos de idade, matriculados em escolas da rede regular de ensino da cidade de Santa Maria. Os alunos identificados, a partir de várias etapas, envolvendo professores, pais e o próprio aluno, são encaminhados para o projeto de extensão, o PIT. Este segundo projeto tem como intuito atender os alunos identificados com características de altas habilidades/superdotação, tendo em vista a necessidade de um atendimento diferenciado para estimulação de suas habilidades.

Além disso, como pesquisadora desta universidade, escrevi uma monografia no Curso de Especialização em Gestão Educacional, vinculando o papel da gestão educacional para a organização do atendimento aos alunos com altas habilidades/superdotação, em uma escola pública. Com esta pesquisa foi possível perceber o quanto os alunos, com altas habilidades/superdotação, ainda estão rodeados pelos diversos mitos, que dificultam e muitas vezes, impedem que seja realizado um trabalho diferenciado dentro da escola para atendê-los, assim como, impede que novos alunos sejam identificados.

A partir de leituras realizadas, nota-se o quanto é importante o papel do professor e da família na vida pessoal e profissional do aluno com altas habilidades/superdotação (ALENCAR; FLEITH, 2001), e o quanto as características de altas habilidades tornam-se evidentes em suas ações diárias. Desse modo, pensando nos conhecimentos que estão sendo produzidos sobre a temática, proponho este estudo com intuito de colaborar com a produção científica da área, tendo em vista o reduzido número de publicações a respeito do tema de altas habilidades/superdotação.

O objetivo geral é analisar as vivências pedagógicas, sociais e familiares que marcaram a trajetória de vida de um aluno identificado com características de altas

habilidades/superdotação, assim como, as características que mais se salientam neste aluno. Como objetivos específicos, foram organizados os seguintes: 1) verificar as principais características que foram observadas no desenvolvimento do aluno e que permitiram sua indicação para um programa de enriquecimento; 2) investigar as experiências vivenciadas pelo aluno com altas habilidades/superdotação no âmbito pedagógico, social e familiar; 3) investigar como as características de criatividade se manifestam neste aluno e se estão sendo estimuladas; 4) averiguar as contribuições do projeto de enriquecimento para a vida do aluno.

Assim, foi organizado o seguinte problema de pesquisa: Como foram as vivências pedagógicas, sociais e familiares que marcaram a trajetória de vida de um aluno, identificado com características de altas habilidades/superdotação que participa do Projeto PIT – Programa de Incentivo ao Talento, e quais foram as mudanças que ocorreram após sua participação neste projeto?

Organizo este artigo com subtítulos que expressam algumas idéias que vem ao encontro da temática proposta. Após, faço a análise da pesquisa articulando com os conceitos desenvolvidos no decorrer do texto.

A Concepção de inteligência que orienta este estudo

A concepção de inteligência passou por intensas mudanças com o desenvolvimento da sociedade moderna e contemporânea. Primeiramente, o entendimento de que a inteligência poderia ser medida através dos Testes de Inteligência (testes do Quociente de Inteligência, Q.I) dominou o campo de estudo nesta área. Logo, a concepção de inteligência estava atrelada ao indivíduo que alcançasse uma alta pontuação nestes testes. Essa visão unidimensional da inteligência leva em consideração apenas algumas habilidades humanas, principalmente a habilidade lingüística e lógico-matemática. Infelizmente, ainda na atualidade, algumas pessoas mantêm em suas concepções este entendimento. Talvez este fato esteja vinculado à realidade de algumas instituições que ainda valorizam de forma extraordinária estas habilidades cognitivas, deixando em segundo plano as demais habilidades.

Com os estudos que foram sendo realizados, a visão unidimensional de inteligência foi criticada em alguns aspectos, principalmente, por considerar apenas

alguns critérios da inteligência, e conseqüentemente, começou a ser entendida, a partir de um olhar multidimensional.

Gardner (1995, 2001), em seus estudos analisou a cognição em diversas espécies e em culturas diferentes, e propôs a compreensão de inteligência, a partir de uma discussão que leva em consideração diferentes habilidades e conhecimentos dos indivíduos.

Para o autor (GARDNER, 2001, p. 47), a inteligência é tida como “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura”. Sua compreensão nos mostra que a inteligência possui diferentes formas de se constituir em uma pessoa e que cada um possui diferentes inteligências e diferentes formas de resolver os problemas. Além disso, menciona que esta é influenciada pelos valores de culturas específicas e pelas diferentes oportunidades que forem disponibilizadas ao indivíduo. Esta visão da inteligência expõe outra forma de ver os sujeitos e compreender a mente humana, percebendo-a de maneira multifacetada e pluralista (GARDNER, 1995).

A partir desta compreensão, Gardner (1995, 2001) propõe a teoria das Inteligências Múltiplas. Em sua teoria, os indivíduos possuem diferentes inteligências e diferentes combinações destas. Com isso, discute a existência de oito inteligências, que são: corporal-cinestésica, musical, lingüística, lógico-matemática, espacial, interpessoal, intrapessoal e naturalista, sendo que outras também estão em estudo.

Dessa forma, este trabalho seguirá a concepção proposta por Gardner para compreender a inteligência humana, a partir de uma visão multifacetada da inteligência, na qual, cada indivíduo pode apresentar uma combinação diferente de inteligência, acarretando a grande diversidade de habilidades humanas. Como bem coloca o autor (1995, p. 32), “o desempenho maduro numa área não significa o desempenho maduro numa outra área, assim como ,as realizações talentosas em determinada área não implicam uma realização talentosa em outra”.

Outro aspecto que se salienta da abordagem de Gardner, é a influência do ambiente para a estimulação das habilidades humanas, uma vez que, dependendo dos estímulos recebidos, as inteligências podem se manifestar em graus diferentes. Gardner (1995, p. 32) menciona que “Uma vez que as inteligências se manifestam

de maneiras diferentes em níveis desenvolvimentais diferentes, tanto a avaliação quanto a estimulação precisam ocorrer de maneira adequada”.

Dessa forma, o papel da família e da escola se torna importante tanto no reconhecimento de certas habilidades específicas da criança, como também, na estimulação adequada destas inteligências. Isso acarreta um indivíduo bem desenvolvido e preparado para enfrentar os desafios da vida contemporânea. Além disso, a possibilidade de reconhecer que cada pessoa é única em suas habilidades permite que não sejam realizadas cobranças no sentido de que todos os indivíduos tenham seu desenvolvimento idêntico, e que alguns indivíduos podem se salientar em uma habilidade, enquanto outros alunos, em outras. Entre estes indivíduos, alguns ainda podem apresentar um desempenho superior em relação ao grupo, e estes Gardner (1995, p. 38) chama de pessoas “promissoras”, colocando que “as pessoas consideradas ‘promissoras’ simplesmente apresentam um alto grau de inteligência com relativamente pouca necessidade de tutela formal”.

O conhecimento desta visão multidimensional da inteligência auxilia-nos a compreender as diferenças humanas e suas diferentes capacidades. Portanto, pode-se considerar que cada indivíduo é singular em suas habilidades, e que a estimulação destas é fundamental para seu desenvolvimento global.

Considerações a respeito das características dos alunos com altas habilidades/superdotação

São muitas as características de altas habilidades/superdotação apresentadas por alguns autores (LANDAU, 1986; GUIMARÃES E OUROFINO, 2007), assim como por algumas políticas públicas (2008, 1995, 1999), os quais buscam auxiliar professores e envolvidos no contexto escolar a ter mais conhecimento sobre o tema e reconhecer alunos com altas habilidades. No entanto, é importante ressaltar que as habilidades e características são individuais e peculiares de cada sujeito. Logo, não há como enquadrar um aluno com altas habilidades/superdotação como tendo um único perfil.

Entre as características que podem ser identificadas nos alunos com indicadores de altas habilidades/superdotação, o Ministério da Educação, através da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), apresenta algumas delas da seguinte forma:

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (MEC/SEESP, 2008, p. 15).

O Ministério da Educação e do Desporto, na Publicação das Diretrizes Gerais para o Atendimento Educacional aos Alunos Portadores de Altas Habilidades/Superdotação e Talento traz a seguinte definição:

Altas Habilidades referem-se aos comportamentos observados e/ou relatados que confirmam a expressão de “traços consistentemente superiores” em relação a uma média (por exemplo: idade, produção, ou série escolar) em qualquer campo do saber ou do fazer. Deve-se entender por “traços” as formas consistentes, ou seja, aquelas que permanecem com *freqüência e duração* no repertório dos comportamentos da pessoa, de forma a poderem ser registradas em épocas diferentes e situações semelhantes. Esses educandos apresentam *envolvimento com a tarefa*, traço que se refere a comportamentos observáveis na demonstração de expressivo interesse, motivação e empenho pessoal nas tarefas que realiza em diferentes áreas, e criatividade, traço que diz respeito a comportamentos criativos observáveis no fazer e no pensar, [...] (BRASIL, MEC/SEESP, 1995, p. 13).

Estas políticas apresentam uma definição de quem são estes alunos e quais são algumas das características que podem ser observadas pelo professor para possível identificação e enriquecimento curricular. Porém, estas características podem variar de acordo com as associações de habilidades de cada sujeito, e assim, é necessário o acompanhamento deste aluno por um tempo maior para sua identificação. É importante salientar que a freqüência e duração destes traços precisam ser levadas em consideração durante o processo de identificação destes alunos, para que não aconteçam confusões e falhas que possam acarretar frustrações futuras.

O documento Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Superdotação e Talento aponta algumas características que se apresentam com maior freqüência nestas pessoas, dentre elas, destaco algumas: “habilidade incomum em lidar com abstrações de alto nível; capacidade de desenvolver interesse ou habilidade específica; sensibilidade em relação às pessoas de nível intelectual similar; rapidez em resolver dificuldades, mas com propensão a aborrecer-se facilmente; tendência ao desenvolvimento de personalidade original; senso de humor e de ironia (BRASIL, MEC/SEESP, 1999, p. 61-62).

Desse modo, conhecer alguns destes traços pode contribuir para que a atenção do professor se volte a reconhecer em suas salas de aulas alunos com altas habilidades/superdotação, já que muitas vezes estes estão escondidos por detrás de mitos e representações errôneas a seu respeito. Um mito bastante freqüente e que pode impedir o reconhecimento das habilidades de um aluno é o de que este precisa se destacar em todas as tarefas que realiza. Isso nem sempre acontece e, muitos alunos, inúmeras vezes, se saem muito bem em algumas áreas e em outras podem até apresentar dificuldades.

Outro aspecto que é necessário salientar são os desequilíbrios que podem acontecer nas crianças com altas habilidades/superdotação quanto ao nível intelectual e emocional. Landau (1986, p. 28) diz que “A criança superdotada é como um ‘corredor de longa distância’, está muito na frente. Porém, na maioria dos casos, este adiantamento é apenas intelectual, emocionalmente ela pode ser só e solitária”. Dessa forma, é importante considerar este assincronismo na avaliação do aluno, para que este não seja prejudicado em algum aspecto.

A concepção de superdotação a partir das contribuições de Renzulli

Joseph Renzulli, pesquisador da Universidade de Connecticut (Estados Unidos) tem apresentado contribuições significativas para a área das altas habilidades, definindo uma Concepção de Superdotação e um Modelo de Enriquecimento.

Este pesquisador descreve dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica ou escolar e a superdotação produtivo-criativa. A primeira, a superdotação acadêmica, segundo ele é o tipo facilmente mensurado pelos testes de inteligência, uma vez que valoriza principalmente os conhecimentos adquiridos no contexto escolar, de forma mais específica, as habilidades também valorizadas na escola que são a lingüística e a lógico-matemática, e “focalizam as habilidades analíticas, em lugar das habilidades criativas ou práticas” (RENZULLI, 2004, p. 82).

Já a superdotação produtivo-criativa delinea atividades que envolvem a criação e a produção criativa do aluno. Como bem coloca Renzulli, esta superdotação descreve aspectos da atividade e do envolvimento humanos “nos quais, se incentiva o desenvolvimento de idéias, produtos, expressões artísticas originais e áreas do conhecimento que são proporcionalmente concebidas para ter

um impacto sobre uma ou mais platéias-alvo” (RENZULLI, 2004, p. 83). Dessa forma, o aluno não mais é o consumidor do conhecimento e de lições pré-determinadas, mas passa a construir produtos e idéias, “investigador de primeira mão”.

Esta diferenciação entre estes dois tipos de superdotação, propostos por Renzulli, permite se pensar em estratégias diferenciadas de estimulação de habilidades e conhecimentos, direcionando para áreas mais específicas dos interesses dos alunos.

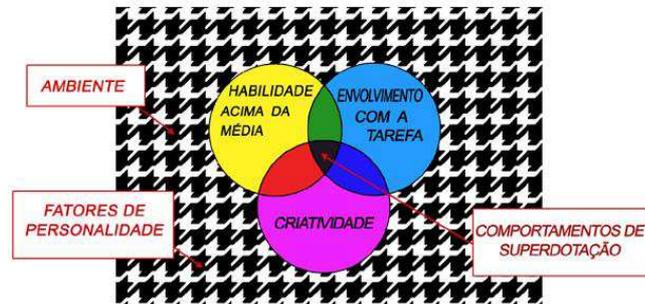
Para definir as altas habilidades/superdotação, Renzulli apresenta o Modelo dos Três Anéis, no qual descreve que para o aluno ser reconhecido com características de superdotação, deve demonstrar três traços fundamentais: Habilidade acima da média, Envolvimento com a tarefa e Criatividade. O mais importante é que é na interseção entre estes três anéis, se pode definir um sujeito com comportamentos superdotados, estando estas características em interação.

A Criatividade se refere, principalmente, à fluência, flexibilidade, sensibilidade, originalidade, capacidade de elaboração e pensamento divergente. O envolvimento com a tarefa é caracterizado pelo expressivo interesse em relação a uma determinada área ou tarefa específica, distinguindo-se pela motivação, persistência, empenho pessoal nessa tarefa e confiança em si mesmo, enquanto que a habilidade acima da média é utilizada, tanto para descrever habilidades gerais quanto específicas. A habilidade geral consiste na capacidade de processar as informações como também, envolver-se no pensamento abstrato. A habilidade específica consiste na capacidade de adquirir conhecimentos e destreza numa ou mais áreas específicas (RENZULLI, 1985).

Para este autor, (1978 apud Renzulli, 2004, p. 85), “as crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valorizada do desempenho humano” (Grifos do autor). Este é um aspecto interessante, uma vez que este aluno pode não estar apresentando em determinado momento algum dos traços, mas isso não significa que este traço não esteja latente, e para que possa surgir é necessário que seja estimulado.

A representação gráfica da definição de superdotação de Renzulli é assim apresentada:

Tabela 1 – Representação gráfica da Concepção dos Três Anéis de Renzulli



Fonte: Joseph S. Renzulli e Sally M. Reis. *The Schoolwide Enrichment Model: a comprehensive plan for educational excellence*. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1985. In: VIRGOLIM, 2007.

Como se pode perceber, este Diagrama de Venn possui no fundo uma rede que representa as influências ambientais e de personalidade. Com isso, o comportamento de superdotação, proposto por Renzulli, está relacionado também, com estes fatores, que podem contribuir de maneira positiva ou negativa para o desenvolvimento promissor deste comportamento.

A habilidade acima da média é principalmente mencionada na superdotação acadêmica, enquanto que a criatividade e o envolvimento com a tarefa estão mais relacionados com a superdotação produtivo-criativa. Porém, nos dois tipos de superdotação, os três anéis devem estar presentes.

A criatividade e a importância da sua estimulação

A educação brasileira tem passado por análise e sofrido críticas, por vários motivos que estão evidentes ao olhar de um bom observador. Um destes motivos é a grande ênfase dada à reprodução do conhecimento e à memorização de dados, fórmulas e conceitos. Não é difícil perceber que a educação está direcionada para o não-pensar, para receber a informação, armazená-la e reproduzi-la, não existindo espaços, ou senão espaços reduzidos, “para a exploração, para a descoberta e para a manipulação de problemas que possam ter muitas soluções possíveis” (ALENCAR, 2001, p. 38).

Os alunos pouco ou nada estão sendo incentivados a produzir, criar algo novo, diferente e questionar. E a educação tradicional continua permeando os ambientes escolares e as formas de trabalho em sala de aula. Como bem escreve Alencar (2001, p. 39), a educação continua sendo “uma educação castradora e

inibidora, uma vez que se ensina à criança, desde muito cedo, a extensão de sua incapacidade, de sua falta de jeito e de talento, especialmente para as artes”. E, mesmo nas áreas mais valorizadas (lingüística, lógico-matemática), a aplicação se restringe a reproduzir e memorizar e pouco a utilizar a imaginação e a criatividade. Com isso, a escola não se torna mais atrativa ao convívio dos alunos, que vão para lá em busca de outros interesses e não mais para a reflexão e o questionamento de suas dúvidas.

No entanto, a sociedade contemporânea exige cada vez mais um sujeito criativo e inovador, um profissional capaz a desenvolver novas ferramentas, a utilizar conhecimentos originais e novas tecnologias, o que se contrapõe com o que a escola vem formando nos últimos séculos. Utilizo-me das colocações de Alencar quando traz que,

[...] inúmeros pesquisadores salientam que o ser humano tem feito uso de uma parcela muito limitada de seu potencial criador, permanecendo muitas capacidades inibidas por falta de estímulo, de encorajamento ou de um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. O enorme desperdício de potencialidades humanas foi também referido por Schiff (1994), ao criticar a organização social e escolar. Este autor ressalta, por exemplo, que as práticas pedagógicas desencorajam aqueles que refletem, que se questionam e questionam os outros (2001, p, 19).

Neste sentido, a imaginação e criação ficaram em segundo plano, não sendo estimuladas, nem mesmo encorajado o grandioso potencial criador que todos os sujeitos possuem. Trato da criatividade a partir da linha de pesquisas de que todos os sujeitos possuem este potencial e que, por isso, precisam ser estimulados a utilizá-la. Alguns podem se salientar e desenvolvê-la mais potencialmente, através de maiores estímulos intrínsecos e extrínsecos, mas todos possuem esta capacidade. Partindo disso, não teria justificativa a escola não se organizar para a ampliação do potencial de cada indivíduo.

Dessa forma, ao tratar sobre a criatividade, um dos anéis também propostos por Renzulli (2004) em sua Concepção de Superdotação, percebe-se que esta é uma característica da capacidade humana que está necessitando de atenção e cuidado, uma vez que muitas possibilidades e muitos potenciais promissores podem estar se perdendo pela ausência de maior estímulo. A criatividade ainda é um aspecto que precisa ser repensada na forma como vem sendo trabalhada nas escolas da educação brasileira.

A criatividade pode ser influenciada por fatores psicológicos e sociais, sendo que o primeiro pode ser considerado a partir das características motivacionais, as habilidades cognitivas e os traços de personalidade. Os aspectos motivacionais são muito relevantes uma vez que estes impulsionam o sujeito a ir em busca de seus interesses. Alencar (2001, p. 24) menciona que eles “dizem respeito a um impulso para a realização, que está intrinsecamente ligado a um desejo de descoberta e de ordem no caos, sendo a mola-mestra que leva o indivíduo a se dedicar e a se envolver no trabalho, com prazer e satisfação”.

Nota-se que os aspectos motivacionais podem direcionar o trabalho de criação de um indivíduo, e estes podem ser intrínsecos, que partem de suas próprias vontades e desejos, e extrínsecos, que vem do externo incentivar a sua produção. Os aspectos extrínsecos tanto podem ser parte da sociedade, da escola, da família, do trabalho, etc, mas que de alguma forma interferem na sua criatividade.

No entanto, existem barreiras que podem impedir que estas características, assim como, a criatividade, se manifestem. Entre elas, Alencar (2001) se refere às crenças irracionais, que são suposições que o indivíduo faz sobre si e que de alguma forma o impedem de continuar sua criação. Estas podem levar a auto-estima baixa, sentimentos de inferioridade e falta de autoconfiança. Outra barreira diz respeito à falta de conhecimento na área, o que pode dificultar a produção de novas estratégias ou técnicas inovadoras.

Alencar (2001, p.61) ressalta que entre os aspectos emocionais e culturais que podem ser consideradas barreiras para a expressão da criatividade, salientam-se “o medo de cometer erros; o medo de ser criticado; a falta de confiança nas próprias idéias e capacidades; o desejo excessivo de segurança e ordem; o comodismo; o medo de parecer ridículo; a insegurança e os sentimentos de inferioridade”. Estas barreiras podem estar sendo construídas tanto no ambiente escolar quanto familiar, uma vez que práticas tradicionais de ensino podem levar a inibição destes traços. Neste sentido, o papel do professor e suas atitudes também são influenciadores na criação ou inibição da criatividade do aluno.

Além disso, a influência da família nas atitudes criadoras do sujeito, assim como, a ação do grupo de convívio escolar ou de amizades pode afetar. A necessidade de aceitação, de entrosamento com o grupo, como também, o trabalho

do professor em sala de aula e os métodos utilizados (tradicionais ou mais inovadores) também são fatores que precisam ser levados em conta.

As inúmeras experiências vivenciadas pela pessoa durante a sua socialização, tanto no ambiente da família como no da escola, contribuem para o fortalecimento de alguns traços, em detrimento de outros, dependendo da extensão em que os agentes socializadores favoreçam ou inibam a sua expressão (ALENCAR, 2001, p. 29).

Com isso, se considera necessário salientar as experiências pedagógicas e sociais vivenciadas pelos alunos, em função de se perceber como alguns aspectos vêm sendo desenvolvidos e como estes têm afetado as contribuições criativas destes sujeitos. Neste sentido, este estudo se dedica a conhecer as vivências de um aluno com características de altas habilidades/superdotação, a fim de compreender alguns destes fatores educacionais, sociais e familiares que interferem nas suas construções, salientando que sua participação em um programa de enriquecimento pode estar contribuindo, ou não, com seu desenvolvimento mais promissor.

A estimulação das habilidades humanas e as diferentes modalidades de atendimento para os alunos com altas habilidades/superdotação

Antes de tratar das modalidades de atendimento do aluno com altas habilidades/superdotação, é necessário salientar a importância da estimulação das habilidades destes alunos, visto os diversos aspectos que foram ressaltados até o momento. Acredita-se que, ao se ter reconhecido características diferenciadas em alguns sujeitos que se destacam por um potencial superior, criatividade, entre outras características, é fundamental oferecer-lhes estratégias para que possam desenvolvê-las adequadamente e de forma satisfatória.

Além disso, a estimulação destes alunos vem a contribuir com a sociedade, uma vez que podem produzir conhecimentos relevantes em diferentes áreas do conhecimento. Corroboro com as idéias de Sabatella e Cupertino (2007, p. 69) quando mencionam que o papel dos programas específicos para estes alunos “é o de suprir e complementar suas necessidades, possibilitando seu amplo desenvolvimento pessoal e criando oportunidades para que eles encontrem desafios compatíveis com suas habilidades”. Dessa forma, estes programas vêm a acrescentar ao aluno, de uma maneira diferenciada ao que vem sendo feito nas

escolas. E, quando isso não ocorre, ou seja, quando não é oferecido nenhum atendimento diferenciado para estes alunos, há uma grande probabilidade destes acabarem de alguma forma se adaptando ao currículo proposto e, conseqüentemente, podem estar desperdiçando suas habilidades.

Para a educação destes alunos são propostas três modalidades principais de atendimento, que são: a segregação, a aceleração e o enriquecimento. A seguir, de maneira breve cada uma delas será descrita.

A segregação consiste em separar os alunos selecionados por determinados critérios, e estes são “colocados em classes especiais ou solicitados a se retirar de suas salas por um período determinado de tempo, voltando para ela após o término das atividades desenvolvidas em um outro local da escola” (ALENCAR; FLEITH, 2001, p. 141). Esta é a modalidade que apresenta maiores controvérsias, pois ao mesmo tempo em que é apoiada pelo fato de permitir que o aluno se dedique em sua área de interesse, e o professor poder trabalhar com um grupo mais homogêneo, também é criticada quanto ao fato de que os alunos com altas habilidades possuem talentos diferentes e a segregação seria muito difícil, além de que formaria um grupo com habilidades superiores. Neste sentido, existem muitas discussões, e muitos posicionamentos e cada um defende sua perspectiva.

A aceleração significa cumprir o programa escolar em tempo menor, mas este pode ser realizado com a entrada precoce da criança na escola, ou através de saltos de séries escolares, ou ainda, fazer em tempo menor alguma série, por exemplo, durante as férias. O fato de o aluno saltar série também tem interpretações diferentes, pois uma vez que pode contribuir com o seu desenvolvimento cognitivo em uma área, pode não ser proveitoso em todas elas, e ele pode vir a ter dificuldade nestas.

Os programas de enriquecimento podem ser organizados em diferentes formas, podendo ser feito com a inclusão de novos conteúdos escolares, apressando os conteúdos propostos, ou através de um estudo mais ampliado de assuntos que estão sendo estudados, utilizando diferentes e variadas fontes de pesquisa. Também pode ser concretizado através da realização de projetos direcionados a uma área do conhecimento. Dessa forma, o enriquecimento pode ser concretizado tanto em sala de aula, como em ambientes extracurriculares, em turno oposto ao escolar, ou aos sábados (ALENCAR, FLEITH, 2001).

Alencar e Fleith (2001, p. 134), relatam que “É importante em um programa de enriquecimento que se dê ao aluno liberdade de escolha dos tópicos a serem estudados, da extensão e profundidade desejada, permitindo-lhe, ainda, utilizar o seu estilo preferido de aprendizagem”.

Renzulli expõe também a respeito do Modelo Triádico de Enriquecimento, que se coloca nesta modalidade, configurando-se como um programa de enriquecimento escolar, tendo sido criado com o intuito de estimular a produtividade criativa dos alunos. Este enriquecimento proposto por Renzulli envolve três Tipos: I, II e III.

As atividades do Tipo I são aquelas onde são oferecidas tarefas de exploração ao aluno, relacionadas a uma variedade de áreas e interesses, para que possa conhecer e explorar estes diferentes ambientes. As atividades do tipo II são aquelas relacionadas ao desenvolvimento de técnicas e métodos, habilidades mais específicas para conduzir as pesquisas de interesse do aluno. As atividades do Tipo III são realizadas quando o aluno quer conhecer de forma aprofundada determinada área, sendo assim, incentivado a assumir o papel de aprendiz de primeira mão. Esta é uma aprendizagem considerada essencialmente indutiva, uma vez que “representa os tipos de aprendizagem que ocorrem fora das situações de aprendizagem formal ou da sala de aula tradicional, mas que podem ser integradas à aprendizagem escolar com adaptações adequadas” (RENZULLI, 2004, p. 96). Neste momento, o aluno se envolve na construção de projetos de seu interesse, engajados com problemas reais.

Acredita-se, que as atividades do Tipo III sejam um dos principais objetivos da idéia de definição e de estimulação da superdotação: “encorajar os jovens talentosos a aplicar sua capacidade, criatividade e comprometimento com a tarefa na solução de problemas de suas escolas e comunidades, que são significativos para eles” (RENZULLI, 2004, p. 102-103). Dessa forma, estariam aproveitando todo seu potencial em função de auxiliar a comunidade onde vivem.

Este modelo de enriquecimento vem sendo utilizado em diferentes programas de atendimento de alunos com características de altas habilidades/superdotação, inclusive pelo PIT – Programa de Incentivo ao Talento, que posteriormente será mais bem explicada sua organização.

Através do envolvimento dos alunos nas atividades do tipo I, II e III, busca-se estimulá-los a desenvolver seus potenciais superiores, a fim de desabrochar sua

criatividade. Nestes programas, é interessante que o aluno desfrute da pesquisa para o seu conhecimento e não em função de uma nota da escola.

Sabatella e Cupertino (2007, p. 79) concluem de uma forma clara, a idéia dos programas de enriquecimento, que devem visar “o desenvolvimento global dos alunos. Uma forma de fazer isso é assentar a programação sobre o tripé ‘o que eu sei – o que eu gosto – o que eu quero’”. Assim, não pressionando o aluno a manter seu desempenho superior constante, mas permitindo a este usufruir suas potencialidades em busca de seus objetivos.

Uma breve revisão metodológica

Com o delineamento do problema e dos objetivos desta pesquisa, que necessariamente estão relacionados com uma realidade socialmente vivenciada, procura-se delinear alguns caminhos metodológicos que orientaram esta investigação.

Deste modo, este projeto de pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, pois se preocupa com o conjunto de significados e aspirações envolvidas no processo. Segundo Minayo (1994, p. 22), “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Além disso, este projeto se caracteriza como um Estudo de Caso, uma vez que delimita seus estudos em torno do caso de um sujeito. Triviños (1987, p. 133) menciona que “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundadamente”. Neste caso, pode-se dizer que os resultados conseguidos com este estudo não podem ser utilizados para se referir a outros indivíduos.

Para a execução desta pesquisa foi necessário selecionar quais indivíduos sociais possuem maior vinculação com o problema a ser investigado. Assim, fez parte desta investigação um aluno identificado com características de altas habilidades/superdotação, que participa do Projeto PIT há vários anos e um membro da sua família - no caso, a mãe. O aluno possui quinze anos de idade e cursa o primeiro ano do ensino médio de uma escola de Santa Maria. Com os depoimentos deste aluno e de seu familiar, foi possível analisar as vivências pedagógicas, sociais e familiares que marcaram sua trajetória de vida e que permitiram a identificação de

suas características de altas habilidades/superdotação e a sua participação num projeto de enriquecimento.

Neste estudo, serão mantidos em privacidade, os nomes dos participantes entrevistados, assim como maiores informações referentes a estes, pois primamos por preservar suas identidades. Para referir-se aos entrevistados serão utilizadas as letras iniciais de seus nomes, sendo o aluno - K.M. – e a mãe – E.M..

Como instrumentos de pesquisa para a coleta de dados foram realizadas uma entrevista semi-estruturada, com o aluno selecionado e uma entrevista semi-estruturada, com sua mãe. Com isso, buscou-se alcançar algumas respostas e/ou indagações ao problema desta pesquisa e aos objetivos almejados, relatando as vivências deste aluno.

Para a realização das entrevistas semi-estruturadas, as perguntas foram elaboradas cuidadosamente e apresentadas com clareza, conforme um plano previamente definido, que seguiu uma seqüência, para dar unidade e eficácia às informações. Para o registro das entrevistas, foi utilizado um aparelho gravador, sendo que posteriormente os dados foram transcritos. Esta pesquisadora possui autorização dos entrevistados para utilização das entrevistas, uma vez que estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram escolhidas as estratégias metodológicas citadas, pelo fato de se considerar estas as melhores opções para se conseguir informações fidedignas, que realmente, estão relacionadas com o intuito deste projeto. Acredita-se que a utilização da pesquisa qualitativa e das metodologias anteriormente citadas para a coleta de dados possibilite a obtenção dos dados e a descrição da história de vida deste aluno, além de uma discussão da problemática em questão.

Discussão dos dados

Para realizar a análise e as discussões, a partir das entrevistas realizadas com os participantes deste estudo, foram selecionados três tópicos principais para reflexão, que são: 1) as principais características apresentadas pelo aluno e suas experiências mais relevantes; 2) a importância da estimulação do aluno e de sua criatividade; 3) as contribuições do programa de incentivo ao talento no desenvolvimento do aluno.

Deste modo, destacando o primeiro item de análise, que são as características de altas habilidades/superdotação apresentadas por este aluno, saliento que, em diversos momentos das entrevistas, tanto K.M., como sua mãe ressaltam que o comportamento do aluno é diferente dos irmãos e demais amigos, desde a sua infância e isso se tornou cada vez mais evidente quando ele começou a ter mais independência e autonomia. Algumas características o marcaram desde a sua infância, o que levou a família a logo procurar a escola.

“A primeira, a primeira coisa que nos chamou a atenção, experiência no caso, foi quando ainda, bem bebê começou caminhar e ele era muito curioso. [...] Depois, a alfabetização dele começou por conta própria, até a gente lembra dele pegando joguinhos, geralmente, joguinhos com letras, e ele já ia montando, [...]. Então a gente sempre foi assim, até os irmãos mais velhos diziam “se ele tá pedindo então vamos dizer, mãe”. Então a gente dizia, é tal letra e junta com tal letra, e faz isso. E bastava para ele dizer uma vez, então isso aí fez com que a gente ir em busca de uma escola para ele, que ele pudesse entrar, porque já tava pedindo. Ele deveria ter uns 4 anos. A gente não queria deixar passar”. (E.M.)

“Porque ele tem a posição dele, ele tem a idéia dele, ele faz o que ele quer, e a gente não sabia como lidar com isso. A gente ficava [pensando] porque os outros são totalmente diferentes, em relação a família, aos amigos, as amizades da idade dele”. (E.M.)

Neste sentido, o acompanhamento do aluno pela família e o contato com diferentes materiais, foram, aos poucos, permitindo que a família notasse que havia alguma coisa “diferente”, mas que nem eles sabiam explicar. A mãe esclarece que os interesses sempre partiam do K.M., e que muitas vezes, ela ficava em dúvida se devia ou não explicar, e isso se repetia inúmeras vezes, até que ele foi para a escola e já nos primeiros anos escolares, os professores notaram que K.M. estava avançado em relação ao grupo.

“Depois quando entrou na pré-escola, ele já entrou bem, conhecendo todas as letras, lendo bem dizer. Na primeira série ele já sabia tudo, tanto que os professores queriam avançar ele, e ele não quis, ele disse que não queria abandonar os coleginhas dele, ele queria esperar os coleginhas dele. Uma pessoa assim, desse nível, na primeira série”. (E.M.)

“O que me marcou, assim, que eu nunca esqueço, foi quando quiseram me passar de série, e me perguntaram se eu queria avançar. Eu sempre fui meio assim, né, na escola nunca gostei de quem é das séries avançadas. Não sei, não vou com a cara deles, sabe, não gosto do comportamento, não sei, daí eu olhava para os outros, “não, não quero ir ali com eles”. (K.M.)

E foi, a partir das características que K.M. vinha apresentando, que os professores tentaram que ele fosse acelerado de turma, mas por decisão do aluno,

que também foi questionado, e da família, foi decidido que não seria realizada a aceleração. Como anteriormente foi mencionada, a aceleração de um aluno precisa acontecer com muita atenção, uma vez que depois de realizado, o aluno não pode retroceder. Além disso, é necessário que se tenha atenção quanto o equilíbrio intelectual e emocional do aluno, para que este não tenha prejuízos. Sabatella e Cupertino (2007, p. 73) colocam que “pais e profissionais, muitas vezes, têm dúvidas sobre se o aluno será bem recebido numa série mais avançada e se poderá acompanhar, emocionalmente, os alunos mais velhos”.

Acredita-se que no caso do aluno K.M., este ainda não estava sentindo-se seguro para avançar e o contato com os colegas de idade mais elevada trazia o receio de relacionamento e de isolamento já que na turma em que estava, possuía contatos afetivos maiores, podendo, com isso, prejudicar seu desempenho naquela série posterior. Contudo, a aceleração pode contribuir de maneira muito positiva para o progresso acadêmico do aluno, o qual pode avançar com maior tranquilidade. Caso tivesse acontecido a aceleração com o aluno K.M., este talvez poderia ter apresentado melhor rendimento em séries mais avançadas, porém, deve ser considerada a avaliação no momento em que o aluno se encontrava.

Ressalta-se, ainda, quanto às suas experiências durante a alfabetização, que o aluno K.M. sempre apresentou facilidade de aprendizagem e não sente necessidade de estudar em horários extras, apesar disso se tornar uma preocupação para sua mãe. Sua característica de atenção no que lhe interessa e fácil abstração de algumas áreas é evidente nas colocações de K.M. e sua mãe, persistindo até hoje na sua aprendizagem.

“[...] eu lembro assim, davam os exercícios, uma tarefa para o cara fazer, assim, e eu fazia e conversava com alguém, já ajudava, e já me pediam cola. E já ficava aquela coisa assim...[estranha na sala] mas sempre assim...até agora mesmo, meus colegas se matam estudando, eu pego assim... e aprendi”. (K.M.)

“Com certeza ele tem diferença, né, o próprio modo dele se portar na sala de aula, [risos], como ele sempre diz, “não precisa eu estar estudando, não precisa estar estudando, eu sei a matéria”, né. As vezes como a gente diz “ah, o ... [K.M.] não tá estudando”, mas “não precisa mãe, eu sei a matéria, eu presto atenção na aula e deu”, né”. (E.M.)

“Desde o início, sempre foi, sempre se sobressaiu no inglês, sempre, nunca teve aula de inglês. Inclusive quando ele entrou nesta escola perguntaram se ele tinha feito inglês fora, mas nunca fez. O inglês básico dele é aquele lá do ensino fundamental”. (E.M.)

Guenther (2000) enfatiza que, o tempo que os alunos com altas habilidades/superdotação perdem esperando os colegas terminarem as atividades precisa ser aproveitado com atividades que sejam úteis para o seu desenvolvimento.

Todavia não é fácil ocupar apropriadamente o tempo de espera, quando ele é intermitente durante um dia escolar, pois não chega a permitir engajamento em algo interessante que efetivamente beneficie a criança mais capaz. Teria que ser uma tarefa chamativa que atraia a atenção da criança, sem ser apenas 'mais do que a escola já faz', nem atividades pueris com função puramente de entretenimento (GUENTHER, 2000, p. 260).

Assim, a autora propõe monitorias, cantinho de "que-fazer", projetos individuais, entre outras coisas que podem ser realizadas nas salas de aula para o atendimento destes alunos (Guenther, 2000).

Além destas possibilidades, salienta-se que o mais importante é que o aluno com altas habilidades/superdotação faça parte de um ambiente estimulador e desafiante, que o instigue a buscar novos conhecimentos. Partindo destas idéias, o papel do professor em sala de aula influencia no desenvolvimento das habilidades dos alunos, sendo que o atendimento educacional diferenciado contribui com seu crescimento.

Outro aspecto que K.M. salienta em sua fala é que não tem facilidade em tudo e que também, precisa se esforçar em algumas áreas do conteúdo escolar.

"Eu não acho as coisas fácil agora, eu acho difícil, acho chato também, mas depende do que o cara quer, né. Por exemplo assim em matemática, algum assunto que eu não gosto, eu não vou ir bem, porque eu não gosto. Mas se tem algum que eu gosto, por exemplo em filosofia, eu adoro filosofia, porque não tem que decorar fórmula, não tem que decorar nada. É só tu e o pensamento. Até eu falo com o professor pelo MSN, a gente fala bobagem, eu ajudo ele se ele quer dar alguma prova, eu ajudo, e daí eu já sugo algumas informações. Eu aprendo muito". (K.M.)

"Mas matemática eu não gosto porque se o cara te dá um problema, tu fez, acertou, acertou.... errou, errou. Não gosto disso. Pra mim, assim, não tem erro, sabe. Por isso que eu gosto de filosofia, não tem como errar alguma coisa, só vai ter pensado de um jeito que não deu tão certo". (K.M.)

Com isso, fica claro o que alguns autores mencionam a respeito do aluno com características de altas habilidades/superdotação: não necessariamente se destacará em todas as áreas do conhecimento, mas que este pode se salientar em algumas áreas de maior interesse, e nas demais pode até apresentar dificuldades. Guimarães e Oufino (2007, p. 61) escrevem que "parece uma contradição à coexistência dessas duas dimensões, porém, estudos recentes estão mostrando que

existe a possibilidade de alto potencial em alunos com dificuldade de aprendizagem”.

Como descreve Gardner (1995), com a teoria das Inteligências Múltiplas, os potenciais dos indivíduos podem estar direcionados a uma ou a várias áreas, e cada sujeito traz consigo combinações diferentes de habilidades. Com as colocações do aluno K.M., este parece se destacar principalmente na área intrapessoal, interpessoal, espacial. Coloco isso, a partir da minha percepção sobre o que o aluno respondeu sobre seus interesses e gostos, muito interessado, no momento, por flauta e informática, mas também, demonstrando um grande interesse por ajudar a sociedade a superar suas dificuldades, muitas vezes, tentando compreender o pensamento das pessoas.

Uma característica de K.M. que fica evidente na fala anterior é quanto ao pensamento divergente, uma vez que, demonstra dificuldade de lidar com a organização do ensino, que sempre tem a resposta correta para as questões, não permitindo criação ou mudanças, bloqueando o uso da criatividade. Como bem coloca Alencar:

Observa-se nas escolas, por exemplo, que a criança aprende, desde muito cedo, que para cada problema há uma única resposta correta. É muito escasso o espaço destinado ao pensamento divergente ou ao manuseio de questões para as quais muitas respostas ou soluções podem ser apresentadas. Nota-se ainda um reduzido espaço para a fantasia, imaginação e jogo de idéias (2001, p, 33).

Além disso, percebe-se que, no caso do aluno K.M. suas habilidades superiores estão relacionadas com a criticidade, curiosidade, pensamento criativo, preocupação social, introspecção, reflexão, persistência, flexibilidade de pensamento e também senso de humor.

“Eu acho que pelo próprio momento dele, pela essa própria coisa que ele tem de ser diferente, ele tá sempre buscando algo diferente, ele nunca fica só numa coisa, ele nunca se prende só naquilo aí. No momento atual o que ele mais gosta de fazer é tocar guitarra, e mexer no computador. É 24horas por dia, se ele tiver livre, é isso aí. E ele se sai bem, nos dois. [...] Tanto que ele aprendeu [tocar guitarra] por ele o que ele sabe até hoje, ele aprendeu por ele, sozinho, buscando, nunca tinha pego nada, nunca tinha pego um instrumento e ele pegou, foi atrás e com o computador que hoje tem, né, auxiliou bastante ele” (E.M.)

“E sempre nessa hora de aprender, eu sempre fico na mente, eu tenho que aprender, não porque eu gosto, mas porque eu tenho que aprender. [...] Eu pretendo fazer um curso de psicologia, depois de filosofia, e depois música, se der. Daí eu vou fazendo e,.... Adoro estas coisas de saber mais sobre a

mente humana, sobre o comportamento humano, estas coisas assim.... mas vai que eu vou ser político um dia, né (risos)". (K.M.)

"[...] o comportamento é sempre procurando saber mais, saber porque, saber o que, saber onde, tudo ele queria sabe, né". (E.M.)

Assim, ficam claras algumas das principais características que o aluno K.M. demonstrou e demonstra durante sua trajetória de vida. O fato de ser muito questionador aparece em inúmeras falas dele e de sua mãe, e esta é uma questão muito instigante, pois é função dos pais e professores ensinarem os alunos a questionar, criticar, levantar hipóteses, tentar resolver de formas diferentes, etc. Como ressalta Landau,

Em nosso mundo de mudanças rápidas, não se pode efetivamente ensinar meros fatos, pois eles não serão relevantes para o mundo de amanhã quando nossas crianças os necessitarem. Por conseguinte, é importante ensinar às crianças como fazer perguntas criativas, perguntas que sejam dirigidas para o futuro, e que abrem o caminho para uma procura independente de soluções para os problemas existentes (1986, p. 13).

Dessa forma, entre as várias características que se pode citar do aluno, pode-se notar, também, que tem dificuldade de relacionamento com alguns amigos, como bem coloca sua mãe.

"Ele tem mais dificuldade, não sei se é uma dificuldade, mais no relacionamento, eu acho que pelo jeito dele mesmo ser assim, então já busca pessoas, amizades assim mais ou menos como ele. Não que ele busque sabe, mas com interesses parecidos, porque ele diz "dizem tanta abobrinha", né. Então ele tem o jeito dele, a característica dele é essa". (E.M.)

"[...] as pessoas falam muita bobagem, por isso eu ando sozinho. Eu tô sempre sozinho, mas bah se quero conversar com alguém, olho de um lado,... do outro....., ah, não, vou pegar um livro e vou ler". (K.M.)

Esta característica refere-se, principalmente à dificuldade de encontrar pessoas com interesses semelhantes aos seus, e esta é freqüente entre os alunos com altas habilidades/superdotação, sendo que, estes também se aproximam de programas de enriquecimento em função de encontrar companheiros que tenham interesses e características semelhantes. Desse modo, se percebe a importância destes alunos terem contato com seus iguais, a fim de que não se sintam sozinhos no mundo, e que podem encontrar pessoas que dividem interesses semelhantes aos seus, os quais podem não estar na mesma turma da escola. Como bem colocam Ourofino e Guimarães (2007, p. 49), "o isolamento do indivíduo superdotado, muitas

vezes observado no contexto escolar, é proveniente da discrepância entre interesses, atitudes, inteligência e criatividade que os qualificam”. Por isso, a possibilidade de encontro com seus pares enriquece seu desenvolvimento intelectual, assim como, pessoal e seu auto-conceito.

Estas características do aluno, que foram salientadas neste trabalho, se forem estimuladas, podem levar a um desenvolvimento potencial avançado e a produções criativas inusitadas, permitindo que o indivíduo consiga objetivar e alcançar seus desejos de realização pessoal e social. Além disso, o reconhecimento destes interesses e características pelo professor possibilita que este busque maiores estratégias de estimulação para as mesmas. Alencar refere que:

[...] é necessário ressaltar a importância de se propiciar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, a par de atender as suas necessidades educacionais. Especialmente relevante é a promoção de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras, que estimulem o seu desenvolvimento e favoreçam a realização plena de seu potencial. (2001, p. 126)

Neste sentido, levando em consideração o segundo item de análise, sobre a estimulação do aluno e de sua criatividade, adverte-se quanto ao importante papel da família e da escola na estimulação das habilidades e dos interesses dos alunos com altas habilidades/superdotação, como forma de enriquecer suas aprendizagens. Como se percebe, no caso do aluno K.M., a família foi e continua sendo uma grande incentivadora e estimuladora do aluno, como coloca a mãe:

“A partir do momento que a gente começou notar que ele era diferente, a gente começou a buscar mais recursos para ele, e tentando conforme a gente pode, dar para ele o que ele quer, o que no momento ele pede”. (E.M.)

Assim sendo, destaca-se a necessidade de reconhecimento das características destes alunos, para que pais e professores possam melhor conhecê-los e incentivá-los. E tratar da identificação destes alunos, não no sentido de rotulá-los ou segregá-los, mas com intuito de estimular todo o potencial que possuem, através de diferentes instrumentos pedagógicos que podem ser utilizados.

Pérez (2006), ao tratar sobre a identificação dos alunos com altas habilidades/superdotação, entende que:

Identificar não pode significar “diagnosticar”, no sentido clínico, ou rotular, como se fez durante muito tempo, submetendo as pessoas a testes

psicométricos que avaliam algumas poucas habilidades (apenas a lingüística, a lógico-matemática e a espacial), e falham na detecção das habilidades em outras áreas de inteligência (como a musical, a corporal-cinestésica, a naturalista, a intrapessoal e a interpessoal). [...] Identificar significa saber *quem são* as pessoas com AH/SD, *onde estão* e *quais são* suas verdadeiras necessidades para, então, sim formular as medidas necessárias para que a escola se adapte a elas, como deve ser (2006, p. 170).

Destaco também nesta análise a importância do apoio à criação que deve vir para o aluno do seu ambiente escolar, estimulando-o a realização de projetos e pesquisas de seu interesse, entre outras coisas. Como fazem referência alguns autores (Alencar, Fleith, 2001), a escola precisa ser um espaço de busca, criação, pensamento, ao invés de reprodução e estagnação da produção, e deve estimular as capacidades humanas, a fim de avançarem os conhecimentos, principalmente com os alunos com altas habilidades/superdotação. Alencar menciona que,

[...] inúmeros pesquisadores salientam que o ser humano tem feito uso de uma parcela muito limitada de seu potencial criador, permanecendo muitas capacidades inibidas por falta de estímulo, de encorajamento ou de um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. (2001, p. 19).

Referindo ao estímulo que possui para ir à escola, o aluno K.M. coloca que tem se sentido pouco estimulado, até mesmo para suas criações. E quando questionado sobre o estímulo que tem para ir a escola, coloca:

“Eu sou preguiçoso demais. [...] Todo mundo fala, (risos), quando tu tiver trabalhando? Mas daí quando eu estiver trabalhando vai ter dinheiro envolvido, já tem um estímulo envolvido. Agora não. Agora o estímulo que a gente tem é acabar as coisas para ir dormir. - O que que te estimula para ir para a escola agora? (pesquisadora) Hum, o conforto do ônibus, os amigos, e as matérias que eu gosto, e a comida”. (K.M.)

[...] eu acho que eles [a escola] deveriam continuar incentivando também, né, não só quando entra [na escola]. Eu acho que deveria continuar, incentivar, estimular mais. Só isso!” (E.M.)

Percebe-se, com isso, que a instituição escolar, apesar de ser o espaço onde diariamente o aluno vai, está se tornando um espaço pouco atraente, e como o aluno bem coloca, se sente estimulado a participar das matérias que gosta e as quais têm professores que incentivam a pesquisar, como foi o exemplo do professor de filosofia. Desta forma, ressalto o valor do trabalho do professor em sala de aula, como estimulador dos potenciais dos alunos, como também, em outros casos, como uma das barreiras para a expressão da criatividade, uma vez que podam os flashes de pensamentos criadores dos seus alunos.

[...] o professor tanto pode despertar o interesse do aluno para um tema ou área do conhecimento como levá-lo a odiar uma determinada matéria. Tanto pode conscientizar o aluno de seus talentos e possibilidades, como minar a sua confiança em sua capacidade e competência. Tanto pode contribuir para a formação de um autoconceito positivo como, pelo contrário, para a formação de uma imagem negativa de si mesmo, levando o aluno a se fechar para os recursos de sua imaginação e capacidade de criar (ALENCAR, 2001, p. 48)

Além deste fator, que pode inibir a expressão da criatividade, pode existir também “o medo de cometer erros; o medo de ser criticado; a falta de confiança nas próprias idéias e capacidades; o desejo excessivo de segurança e ordem; o comodismo; o medo de parecer ridículo; a insegurança e os sentimentos de inferioridade” (ALENCAR, 2001, p. 61). Desse modo, alguns destes bloqueios podem impedir a criação, apesar de o indivíduo apresentar inúmeras características de criatividade. O aluno K.M. fala que é muito preguiçoso, sendo que esta também pode ser considerada como uma barreira que está impossibilitando que desenvolva outras atividades criadoras, como ele mesmo coloca.

“Eu queria não ser tão preguiçoso, cara. Eu tenho tantas idéias, eu quero fazer tal coisa, mas...” (K.L.)

Além disso, inúmeras vezes o aluno demonstra características de criatividade, e demonstra que a criação está presente em vários momentos de sua vida, não somente na acadêmica, como também pessoal.

“Não gosto de ser seguido, não gosto que me imitem. Eu sempre com o meu cabelo espetado, e aí quando começam deixar igual ao meu, me dá uma raiva. Daí eu falo: sou eu que uso assim, vai mudar teu cabelo, vai ser criativo”. (K.M.)

“O que muda é que a gente sempre aprende que tem esse potencial a mais. Eu não diria potencial a mais, a gente tem assim que é um potencial que todos tem, mas que a gente usa. Como dizem que o ser humano usa 10% do potencial inteiro do cérebro, a gente deve usar uns 12%, só. A gente só trabalha mais o cérebro, assim”. (K.M.)

“Eu acho que é porque eu tenho, sempre tive todo este jeito de pensar, individual, este meu jeito de pensar. [...] Mas assim, eu não sou não de copiar todo o estilo de um cara, ficou legal para ele, mas cadê a tua criatividade, o teu mérito por isso. Eu preso muito o mérito individual de cada um”. (K.M.)

Com isso, nota-se que a busca por originalidade, por criações de produtos diferentes, a autoconfiança, o desejo por descoberta, a necessidade de chegar a

novas descobertas, são traços decorrentes das falas do aluno K.M., o qual se mostra consciente do seu potencial e de suas capacidades.

Assim sendo, pensar na criatividade do aluno, um dos anéis da Concepção de Superdotação proposta por Renzulli, e estar estimulando-a, uma vez que esta é influenciada por fatores intrínsecos e extrínsecos, é impulsionar a criação de novos materiais e idéias, e a realização de novos projetos de pesquisa. Esta deveria ser a preocupação da sociedade, equipe escolar, professores e pais, a fim de se potencializar diferentes problematizações, elaborações, produtos, idéias. Como lembra MacKinnon (1959, apud Alencar 2001, p. 67), “a nossa tarefa como educadores não é a de reconhecer o talento criativo após a sua expressão; mas antes, a de estimular o talento quando é ainda potencial e oferecer o ambiente e condições que irão facilitar o seu desenvolvimento e expressão”.

Partindo para a análise do terceiro tópico, discorro acerca das contribuições do programa de incentivo ao talento para o desenvolvimento das habilidades do aluno entrevistado, a partir do seu ponto de vista e da sua mãe. O PIT é um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal de Santa Maria e ao Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social, sendo orientado pela professora Soraia Napoleão Freitas. O PIT tem como objetivos propor atividades de enriquecimento e estimulação das habilidades de alunos identificados com características de altas habilidades/superdotação, a partir de vivências diferenciadas daquelas do contexto escolar regular. O aluno K.M. participa deste programa há vários anos, tendo sido identificado em sua escola através do projeto de pesquisa “Da identificação a orientação de alunos com características de altas habilidades”, também vinculado a esta instituição. A partir dos relatos apresentados anteriormente a respeito das características deste aluno, acredita-se que a identificação não deve ter sido um processo difícil, uma vez que este apresenta características que se salientam. E.M. relata sobre como foi este processo.

“Foi bem cedo, ele tava nas séries iniciais, e segundo eu fui informada, ele tava sendo acompanhado desde a segunda série, só nós pais ainda não tínhamos conhecimento. Ele estava sendo acompanhado porque, por um projeto normal assim da Universidade, como as crianças, algumas se salientavam mais que as outras na sala de aula. Então através deste acompanhamento, acompanharam na [...] segunda, na terceira, e aí na quarta série foi que eu fui ficar sabendo, daí foi quando que eu fui comunicada pelo PIT, fui convidada né. [...] E foi ali que ele foi descoberto, e eu... agradei né, a Deus por terem descoberto, porque facilitou bem mais,

nos ajudou bem mais, e também nos deixou calmos, porque a gente até então não sabia, “Meu Deus o que é que é isso”, né”. (E.M)

Desse modo, percebe-se a necessidade do acompanhamento do aluno com estas características, notando a frequência, a intensidade e a duração das mesmas em diferentes atividades realizadas pelo aluno. Como bem relata a mãe, antes que ele fosse reconhecido por seus traços havia maior dificuldade de entender o aluno, compreender porque ele apresentava certos comportamentos, etc. Porém, após o contato com o projeto, houve maiores esclarecimentos e foi possível conhecer mais sobre como lidar em diversas situações e como melhor orientar seu filho.

É importante destacar que este projeto organiza suas atividades e seus planejamentos baseando-se no Modelo Triádico de Enriquecimento, proposto por Renzulli (2004), que direciona o desenvolvimento de atividades do Tipo I, II e III. Com isso, o PIT tem intuito de incentivar os alunos com características de altas habilidades/superdotação, além de conhecer diferentes assuntos e aprofundá-los, como também, realizar projetos a partir de suas áreas de interesse.

De certa forma, o PIT busca complementar os conteúdos trabalhados em ambiente escolar, utilizando-se de outras estratégias pedagógicas e de estimulação, permitindo que os alunos possam direcionar sua atenção para o que realmente lhe interessa. O Programa acontece aos sábados pela manhã, em uma escola pública de Santa Maria que possui uma Sala de Recursos para o atendimento de alunos com altas habilidades/superdotação, com o apoio de acadêmicos dos cursos de Educação Especial e Pedagogia da UFSM, além de acadêmicos de outros cursos desta universidade que possibilitam conhecimentos mais direcionados aos interesses os alunos.

Ao questionar a mãe do aluno sobre as contribuições do PIT na formação pessoal e acadêmica do mesmo, ela menciona que:

“Com certeza contribuiu, contribuiu porque ajudou ele a ver o que realmente ele gostava e não gostava, porque se ele não gostava, ele dizia. Como ele diz até hoje, o que ele não gostou, não gostou; e o que ele gostou, ele gostou; [...] Então ajudou ele a saber escolher né, o que mais para ele serve, se conhecer, e também ver que às vezes ele tá achando, né , a criança acha que é isso e daí chega lá, esclarece, abre, e diz “não é isso que eu quero”. Então, ajuda a descobrir realmente né, onde ele se encaixa”. (E.M.)

Com isso, nota-se que, segundo E.M., o programa vem contribuindo para que o aluno possa melhor se conhecer, reconhecendo suas maiores habilidades, e

podendo estimulá-las, a fim de, construir um projeto individual. Além disso, o Programa disponibiliza aos pais e à comunidade interessada um grupo de discussão sobre a temática em questão, o que vem a contribuir com a melhor orientação aos pais, com trocas de experiências entre os mesmos, assim como, o rompimento de alguns mitos sobre altas habilidades/superdotação.

“Eu acho que o que mudou foi que daí ele teve mais abertura, né, teve mais com quem ele se abrir, mais ele tentar descobrir o que que ele queria, o que ele podia fazer, né. Abrir mais para ele, mais espaço para ele, e para a nossa família também, porque no momento que nos chamaram, que nós não tínhamos nem idéia o que que era, até eu achei que fosse alguma coisa errada que ele tinha feito na escola, né, para nós foi um achado, né, e que veio nos auxiliar muito, porque a gente não sabia nem como lidar depois”. (E.M)

Com isso, fica claro nas falas da mãe que o PIT muito contribuiu, principalmente, na estimulação dos interesses do aluno, o que muitas vezes não acontece na escola regular, ou por falta de conhecimento dos professores, ou por outros motivos, como turmas com extenso número de alunos, etc. Muitas vezes, a falta de estimulação da criatividade e de outros traços e de incentivo para a realização dos seus planos pode levar o aluno a tornar-se estagnado em suas aprendizagens, ou também afastar-se dos acontecimentos sociais, tornar-se depressivo, etc. Por este motivo, a atenção ao que vem sendo realizado neste programa, assim como, ao que pode ser previsto nas escolas para atender estes alunos, é necessário a fim de complementar a formação inicial dos mesmos.

Contudo, isso demonstra que a possibilidade do aluno dividir um mesmo espaço, por um tempo, com pessoas com interesses semelhantes aos seus, pode auxiliar para que o aluno melhor construa também uma auto-imagem positiva de si mesmo.

“A história é que as pessoas falam muita bobagem, é uma coisa muito egoísta da minha parte, porque eu por mim não penso em ninguém e fico lá fazendo as minhas coisas. [...] Mas aqui no PIT o cara conhece os seus semelhantes, a gente compartilha experiências, vê que gosta das mesmas coisas, cria grupo por exemplo, joga junto quando a gente se encontra. Em relação a formação acadêmica, me ajuda assim com as oficinas, que vocês promoveram para a gente. Tem muita coisa como por exemplo a matemática, me apresentaram uns negócios que eu achava que não tinha, que era aquela coisa chata de sempre”. (K.M.)

Nesta fala anterior, se percebe que, além de se salientar a característica da busca pelos próprios interesses, também fica evidente a construção realizada pelo

aluno em diferentes momentos, como as oficinas as quais ele participou e que permitiram que desconstruísse alguns conceitos já formados. Inclusive K.M. comenta, também, que se relaciona muito bem com os colegas do programa, trocam informações, jogos, etc, e que na escola isso influencia em suas relações com os demais.

“Olha, seria assim, um ponto ajudando o outro, porque aqui no PIT a gente se identifica mais com as habilidades, com o que a gente pensa, mas qualquer um que tem este potencial é orgulhoso. [...] No colégio, assim, ajuda quando este nosso método de pensar diferente sempre ajuda resolver problemas pessoais, problemas quanto a exercícios, tarefas, sempre ajuda. [...] Vai lá e faz tal coisa. Eu sempre to aí, ajudando os outros. [...] Eu gosto de ajudar, sempre é bom para ter amizades a mais”. (K.M.)

Assim, pode-se referenciar que um programa de enriquecimento é uma possibilidade para que aconteça a estimulação das habilidades destes alunos identificados com características de altas habilidades/superdotação, principalmente quando na sala de aula não são ofertadas outras alternativas de enriquecimento destes potenciais. A mãe do aluno conclui sua fala, salientando justamente a respeito deste aspecto, e coloca que:

“Eu acho assim que, deveria ter mais incentivo da parte da educação, porque no final, tá acontecendo que as crianças estão vindo muito, muito inteligentes, muito mais cedo. Então teria que ter mais incentivo para as pessoas saberem como lidar com eles, tanto a família quanto os professores, os educadores. Mais esclarecimentos e mais apoio pedagógico. Tem pouco apoio pedagógico com eles, porque tem, se vai contar, tem um monte de alunos e tem lugares que o PIT, o programa não chega, e a gente sabe que tem, né. Então eu acho que deveria ter mais, mais apoio pedagógico, até o governo dar mais apoio para chegar até estas crianças”. (E.M.)

Dessa forma, acredito que este foi um item que se buscou destacar durante este texto e que o relato da mãe vem a corroborar, uma vez que se acredita que a estimulação destes alunos, não somente através de programas extracurriculares, mas também, dentro da escola, são indispensáveis para um melhor crescimento pessoal e profissional destes indivíduos. Como menciona Alencar (2001), a escola ainda é deficitária neste aspecto, pois desperdiça muitos potenciais em seus espaços, por falta de maior conhecimento sobre como potencializar algumas habilidades.

Considerações Finais

A educação de alunos com altas habilidades/superdotação ainda é um aspecto que levanta inúmeros debates, tendo em vista que este aluno apresenta algumas características peculiares que se diferenciam dos demais alunos na escola. Muitos discursos, cobertos de mitos a respeito destas pessoas, assolam os ambientes escolares e dificultam a identificação e o reconhecimento de algumas características dessas pessoas.

Neste trabalho, tive o intuito de destacar as experiências vivenciadas por um aluno que participa de um programa de enriquecimento, salientando as principais características que se evidenciam e como a estimulação de suas habilidades e sua criatividade é importante para seu desenvolvimento potencial.

Quanto às principais características dos alunos com altas habilidades/superdotação, pode-se perceber que estão evidentes na sua trajetória de vida e nas suas experiências escolares, familiares e sociais. Para tanto, a identificação destas requer do professor um trabalho constante de observação de seus alunos, e como bem coloca Pérez (2006, p. 175), “implica um processo de simultâneo ao atendimento, pois verificar a *intensidade, a freqüência, e a consistência* dos traços *ao longo de seu desenvolvimento* demanda um período de observação durante a aula” (Grifos da autora). Com isso, pode-se dizer que o acompanhamento do aluno deve ser constante, deste o reconhecimento de suas características, até a estimulação de suas potencialidades, a fim de se estar contribuindo para o desenvolvimento do aluno e percebendo suas necessidades.

Dessa forma, salienta-se a importância da estimulação das habilidades dos alunos, a fim de que venham a demonstrar seus diferentes interesses e habilidades específicas, assim como sua criatividade na resolução dos problemas. De acordo com o que traz Renzulli (2004), ao se notar algumas características diferenciadas dos alunos com altas habilidades/superdotação, estas devem ser estimuladas, pois como ele coloca um aluno com altas habilidades/superdotação é aquele que apresenta as características dos três anéis (Habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa, criatividade) ou tem potencialidade para desenvolvê-las.

Além disso, a estimulação da criatividade destes alunos pode beneficiar a construção de projetos e produtos de grande relevância pessoal e social,

contribuindo para o progresso da humanidade. Como menciona Alencar (2001, p. 57), “estamos seguros de que a criatividade certamente irá aflorar, se houver um maior equilíbrio entre o cognitivo e o afetivo, se houver espaço para o lúdico, se o prazer de crescer, de criar, de sonhar, de se auto-realizar estiver presente”.

No entanto, pode-se notar que existem inúmeras barreiras que impedem o desabrochar tanto da criatividade, como de outras características destes alunos, como por exemplo, a sua não-estimulação, a necessidade de se igualar ao grupo de mesma idade, a falta de preparo do professor, etc. Estes aspectos ficaram evidentes nas falas do aluno e de sua mãe, os quais salientam a importância tanto da escola como da família como parte fundamental na estimulação de habilidades.

Também se salienta a necessidade de programas que possam dar conta de oferecer ambientes de aprendizagem diferenciados a estes alunos, oferecendo vivências enriquecedoras e diferentes aprendizagens, além da possibilidade de construção e criação própria.

Neste sentido, foi possível evidenciar, com as falas do aluno, o quão importante está sendo sua participação em um programa de enriquecimento, e o quanto a possibilidade de se encontrar com pessoas que possuem interesses semelhantes colabora para que sua criatividade esteja mais ativa e seus projetos em constante construção.

Assim, buscou-se neste texto evidenciar estes aspectos, atentando para a necessidade de reconhecimento das características dos alunos com altas habilidades/superdotação e o valoroso papel da sua estimulação, tanto pela escola, família ou através de programas de enriquecimento. Espera-se com isso, alertar os profissionais da educação para que busquem conhecer seus alunos, suas características, suas diferentes habilidades e interesses, a fim de que se possa estar reconhecendo no ambiente escolar mais alunos com altas habilidades/superdotação, os quais podem estar escondidos por detrás de mitos ou práticas podadoras. Acredita-se que, quanto mais se estimular estes indivíduos, mais se estará contribuindo, tanto para seu próprio crescimento, assim como, pensando na potencialização da criatividade, dos conhecimentos e produtos de nossa sociedade.

Referências

ALENCAR, Eunice Soriano de. **Criatividade e educação de superdotados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ALENCAR, Eunice Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2ª edição. São Paulo: EPU, 2001.

BRASIL. **Diretrizes gerais para o atendimento educacional dos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos**. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

_____. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental – Superdotação e Talento**. Vol. 1. Fascículos I – II – III – IV. Leila Magalhães Santos (coordenadora), Natalícia Pacheco de Lacerda Gaioso, colaboração Vera Lúcia Palmeira Pereira. Brasília: Ministério de Educação, 1999. (Série: Atualidades Pedagógicas).

_____. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. – Porto Alegre: Artmed, 1995.

_____. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GUENTHER, Zenita Cunha. **Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GUIMARÃES, Tânia Gonzaga; OUROFINO, Vanessa T. A. T. de; Estratégias de Identificação do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org.) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007, p. 53-66.

LANDAU, Erika. **Criatividade e Superdotação**. Tradução de Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro: EÇA Editora, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OUROFINO, Vanessa T. A. T. de.; GUIMARÃES, Tânia Gonzaga. Características Intelectuais, Emocionais e Sociais do aluno com Altas habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org.) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007, p. 41-52

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. O atendimento educacional ao aluno com Altas Habilidades/Superdotação na legislação da Região Sul do Brasil: os lineamentos para concretizar uma quimera. In: FREITAS, Soraia Napoleão. **Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Santa Maria: ed. da UFSM, 2006.

RENZULLI, Joseph S. O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação, e Como a Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. In: **Revista Educação**. Porto Alegre – RS, Ano XXVII, n. 1 (52), Jan./Abr. 2004.

RENZULLI, Joseph S.; REIS, Sally M.. **The Schoolwide Enrichment Model: a comprehensive palm for educational excellence**. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1985.

SABATELLA, Maria Lúcia; CUPERTINO, Christina M. B. Práticas Educacionais de Atendimento ao Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org.) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007, p. 67-80.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIRGOLIM. Uma proposta para o desenvolvimento da criatividade na escola, segundo o modelo de Joseph Renzulli. In: VIRGOLIM, Angela M. R. (org.) **Talento criativo: expressão m múltiplos contextos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 159-184, 2007.